



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**HELENA ALVES D'AZEVEDO II**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-131

**Entrevistado:** Helena Alves D'Azevedo

**Nascimento:** 04/08/1957

**Local da entrevista:** CEME - ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Data da entrevista:** 06/05/2010

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 47 minutos

**Páginas Digitadas:** 20

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02135/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

D'AZEVEDO, Helena Alves. *Helena D'Azevedo II (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Centro Olímpico: diretores, objetivos, verbas, programas oferecidos; Centro Natatório: atividades realizadas dentro do Centro; deslocamento do Centro Olímpico para o Centro Natatório; mudança da direção do Centro Olímpico; período como diretora do Centro Olímpico; aulas de natação no tanque e depois no Centro Natatório; gerenciamento, normas de utilização e manutenção do prédio; Centro Olímpico como Órgão Auxiliar da ESEF; transformação dos projetos em extensão; arrecadação dos projetos de extensão; objetivos e importância da extensão; visão sobre a pesquisa e o ensino dentro do Centro Natatório.

Porto Alegre, 06 de maio de 2010. Entrevista com a professora Helena Alves D'Azevedo, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Professora, quando que tu entraste na ESEF<sup>1</sup> como aluna?

H.A. – Eu entrei em março de 1977.

M.C. – E, nesse período que tu entraste, tu te lembrás quem era o diretor da Escola e do Centro Olímpico<sup>2</sup>?

H.A. – O diretor da Escola era o Milthon Cunha<sup>3</sup> e o diretor do Centro Olímpico era o professor Jayme Werner dos Reis, “peixinho”.

M.C. – E tu sabe me dizer até que período ele ficou como diretor do Centro Olímpico?

H.A. – Quase uma vida. O Centro Olímpico era órgão auxiliar da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Nessa época, o Pró-Reitor era o Antonio Brito. Então, o professor Werner tinha um cargo ligado à Reitoria. Não respondia à ESEF. Isso era motivo de briga entre o diretor e o chefe do Centro Olímpico, que não se davam bem. Ele ficou durante toda a gestão do Brito e a próxima gestão. Só quando o professor Guimarães<sup>4</sup> foi eleito diretor da ESEF e o professor Cassel<sup>5</sup> chefe do departamento de desporto, é que eles conseguiram que a Reitoria doasse o prédio da piscina para a ESEF e, então, o Centro Olímpico deixou de ser órgão auxiliar da universidade para ser da ESEF. Então, trocou o diretor do Centro Olímpico, que passou a ser o professor Arno Black.

M.C. – Isso foi na gestão do professor Cassel em 1985?

H.A. – Na gestão do professor Guimarães.

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

<sup>3</sup> Milthon José Cunha

<sup>4</sup> Antonio Carlos Stringhini Guimarães

<sup>5</sup> Mário César Cassel

M.C. – O Guimarães não foi diretor em 1997?

H.A. – 1997... [silêncio]. Era o Guimarães o diretor e o Cassel era o chefe do departamento e foram os dois que conseguiram com articulação política que aquele prédio, aquele organismo, se tornasse parte da ESEF. O Centro Olímpico tinha prédio próprio, carro próprio da universidade, era uma camionete “ford” preta, de caçamba, tinha cotas de gasolina dada pela universidade e tinha todo o material esportivo para jogos. Todas as bolas, todos os uniformes, tinha abrigos. Eu tenho o meu em casa, um dia eu vou te trazer, vou doar para cá. O abrigo do Centro Olímpico... Os atletas participavam dos eventos com estes uniformes. Tinha um grande almoxarifado que hoje é a minha sala lá, que tinha bola de todos os esportes, tinha chaveiros alusivos ao Centro Olímpico, tinha decalco alusivo ao Centro Olímpico – eu tenho um no meu carro até hoje-. O Centro Olímpico era uma entidade com bastante capacidade monetária, então, se organizava muito bem os jogos. Tudo isso era responsabilidade do Centro Olímpico.

M.C. – Ele foi criado com um objetivo específico na década de 1970. Sabes me dizer qual era o objetivo inicial do Centro Olímpico?

H.A. – O objetivo era a competência para esportes das pessoas que eram da universidade, seja os atletas alunos, os atletas professores, os atletas funcionários. Tinham jogos, atividades. Eram – não dá para dizer: patrocinados, porque naquela época não tinha patrocínio – mas eram cuidados por este Centro. Ele era muito rico, tinha verba própria.

M.C. – E quais as outras verbas que tinha o Centro Olímpico? Através dos programas que ele tinha?

H.A. – Não havia programas de extensão. Os programas de extensão na universidade e na ESEF... A ESEF foi o primeiro momento de programas de extensão universitária. Isso, o professor Krue<sup>6</sup>, se tu conseguir entrevistá-lo também, pode te contar porque ele é o precursor disto. O Centro Olímpico funcionava com extensão no Centro Olímpico e não na universidade. Eu dava aulas de natação em julho e janeiro... São dois grandes projetos, foram os primeiros da universidade: “vamos aprender a nadar” e “natação EPT: esporte

para comunidade universitária”. A gente atendia em julho, as quatro semanas de férias de julho, e janeiro, as quatro semanas, qualquer pessoa que estivesse vinculada à universidade que quisesse vir aprender a nadar. Isso, pelo Centro Olímpico, com remuneração. Eles pagavam, o Centro Olímpico dividia, pagava professores e isso foi por muito tempo, não foi pouco tempo. Quando eu assumi a direção do Centro Olímpico, o professor Krueel e eu, definimos que nós íamos transformar tudo isso em projetos de extensão da ESEF e ele trouxe da Pró-Reitoria de Assistência Universitária a Lúcia Rosito<sup>7</sup> que era assistente social e ela veio como secretária da comissão de extensão e o Krueel era o chefe da comissão de extensão. Nós fizemos tudo que havia para se transformar em extensão. Eu tinha doze projetos e o Krueel tinha cinco. Foi daí que começou a se estruturar a extensão como tu conhece hoje.

M.C. – Mas esses programas de extensão eram só dentro do Centro Natatório ou tinha alguns outros que utilizavam outras dependências da Escola?

H.A. – Na verdade, eu não sei se haviam outros. Acho que não.

M.C. – Tu te lembra quais programas que tinham dentro do Centro Natatório além de natação? Tinha aquelas salas lá em baixo. Ocupavam elas?

H.A. – Sim. Tinha esgrima com o professor Luiz Cláudio Andreatta<sup>8</sup> que até hoje, o atleta daqui é grande campeão. Ganhou agora medalha de ouro nos jogos mundiais militares, o João de Souza. Ele foi da escolinha do professor Andreatta porque a mãe dele trabalhava comigo no meu projeto de extensão. Então, trazia ele do colégio e ele ficava ali olhando e o Andreatta botou ele para dentro. Começou a esgrimir ali. Eu acho que também tinha ginástica feminina e judô. Tinha karatê também com o Biazús<sup>9</sup>.

M.C. – Isso enquanto extensão universitária ou prática desportiva?

---

<sup>6</sup> Luiz Fernando Martins Krueel

<sup>7</sup> Lúcia Maria Nery Rosito

<sup>8</sup> Luiz Cláudio Guterres Andreatta

<sup>9</sup> Luiz Biazús

H.A. – Não. A prática desportiva era uma coisa que os professores da ESEF tinham que dar para os alunos. Eles se matriculavam, a ESEF oferecia horários e os professores da ESEF davam. Isso não. Isso era trabalho externo. Não computava na minha carga horária, nem da Kruel, do Andreatta, do Pelé<sup>10</sup>, do Alexandre<sup>11</sup> e nem do Biazús. Nós tínhamos projetos de extensão lá em cima. O karatê também o Biazús tinha.

M.C. – Isso vinculado ao Centro Olímpico?

H.A. – Só com o Centro Olímpico. Nós não tínhamos a responsabilidade de estar lá.

M.C. – Antes de construir a piscina, o Centro Olímpico era numa casinha de madeira aqui perto do ginásio, não é?

H.A. – Numa casinha azul onde, hoje, exatamente é a cozinha do R.U.<sup>12</sup>

M.C. – Aí construíram o Centro Natatório e o Centro Olímpico foi para lá, certo?

H.A. – Isso.

M.C. – Por que o Centro Olímpico foi para lá?

H.A. – Porque na verdade era assim: o Centro Olímpico se confundia. O prédio do Centro Natatório foi construído para ser o Centro Olímpico.

M.C. – Foi o Centro Olímpico que construiu o prédio ou foi a Escola?

H.A. – Não. A Escola não tinha nada a ver com isso. Foi verba universitária com o convênio com a Alemanha. Tanto que se tu for a Leipzig ou a... Eu tenho certeza que a Leipzig porque eu tenho esta fotografia. É exatamente igual: a pista de atletismo e no fundo tu enxerga a piscina com este mesmo prédio. Eu cheguei lá e levei um susto.

---

<sup>10</sup> Jorge Luiz de Souza

<sup>11</sup> Alexandre Velly Nunes

M.C. – Então, a arquitetura é nos moldes da de Leipzig?

H.A. – Sim, inclusive, alguém me falou que tem outra na Alemanha assim. O “peixinho” foi até lá e trouxe. O Centro Natatório foi construído para ser o Centro Olímpico porque a pessoa que o construiu e cuidou desta obra era o diretor do Centro Olímpico e era o professor de natação. Então, ele construiu a casa dele.

M.C. – Então, lá aconteciam essas extensões universitárias e aulas da graduação...

H.A. – Não. Judô e natação. Mais nada.

M.C. – Quem dava judô?

H.A. – Tinham três professores concursados de judô: Francisco Xavier de Vargas Neto, Fernando Lemos e Alexandre Nunes.

M.C. – E como era a relação... Tu comentaste que era uma relação muito conflituosa com a Escola, não é? E, quando o Arno assume o Centro, tu vê uma diferenciação na administração?

H.A. – O conflito continuou porque ele foi para lá porque era amigo de cá. Mas todos os funcionários de lá – isso eu não sei se tu enxerga até hoje – eles são diferentes dos daqui. Eles tem um corporativismo diferente, tem uma outra história. Quem é do Centro Natatório se sente diferente de ser da ESEF. Isso sempre foi assim. Então, os funcionários eram do “peixinho”. Eu nunca fui funcionária da ESEF, mas, na verdade, eu sempre fui porque eu nunca saí daqui. Eu me formei e continuei trabalhando aqui nos julhos, janeiros. Depois eu fiz concurso e voltei para cá. Quer dizer, eu nunca parei de estar na ESEF. Mas o que se enxerga que lá é um mundo a parte, ele foi criado para ser um mundo a parte. Fica muito difícil dele estar perto. Tanto que o diretor de lá não está na direção, está lá.

M.C. – E tu assumiste em que ano a direção do Centro Olímpico?

---

<sup>12</sup> Restaurante Universitário



H.A. – Eu assumi um mandato tampão. Na gestão do professor De Rose<sup>13</sup> como diretor, ele conseguiu que o professor “carioca”, Paulo Gilberto de Oliveira, o “peixinho”, Jayme Werner dos Reis e a Elizabeth D’Andrea de Oliveira, respectivamente, o “carioca” dava aula e atletismo e natação, o “peixinho” só de natação e a Beth só de tênis, eles fossem fazer um semestre como professores em Colônia<sup>14</sup>. Então, eles foram com passagem paga pela extensão, com a assinatura da ESEF e eles iam ficar um ano lá. O “peixinho” era diretor do Centro. O que aconteceu? Ele ia ficar [palavra inaudível]. Então, o professor De Rose me procurou e perguntou se eu não assumiria porque eu sou “filha” do “peixinho”. Isso é ponto encerrado. Ele sempre foi meu professor, meu paraninfo. Então, era para não haver conflitos com a saída dele. Já havia tido conflitos e ele voltou a pegar o Centro como dele. Mas aconteceu igual, ele não gostou...

M.C. – Essa ida para a Alemanha foi em 1991?

H.A. – Sim. Ele não gostou de eu ter assumido, foi complicado...

M.C. – Antes de ir para a Alemanha ele já sabia que tu ia assumir?

H.A. – Não. Ele disse que não...

M.C. – Na volta que ele descobriu?

H.A. – É. Ele disse que não. Ele não ficou feliz com isso. Hoje nós continuamos muito amigos, tudo bem. Mas, na época, eu tive que conversar com ele. Ele não gostou. Eu não sei se ele preferia que não ficasse ninguém respondendo, para ele continuar podendo organizar. Ele sempre foi uma pessoa super organizada. Não gostou. Mas eu não fiz nada contra, deixei passar e resolvi. Quando ele voltou, ele não assumiu. O professor De Rose pediu que eu continuasse porque já terminaria. Aí assumiu a outra direção, do Petersen<sup>15</sup>, e botou o Centro Olímpico para o Marco Stigger<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Eduardo Henrique De Rose

<sup>14</sup> Universidade de Colônia, Alemanha

<sup>15</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

<sup>16</sup> Marco Paulo Stigger

M.C. – Então, nessa época que tu estava já era cargo de confiança da Escola?

H.A. – Sim. A última gestão do “peixinho” já foi cargo de confiança da Escola.

M.C. – Ele entrou na gestão do “carioca” de novo então?

H.A. – Isso. Quando o De Rose assumiu depois do “carioca” ele continuou porque ele era da confiança deles.

M.C. – Porque já era um órgão auxiliar da ESEF.

H.A. – Sim.

M.C. – Em termos do prédio, do Centro Natatório: quando tu entrastes em 1977, tu teve aulas no tanque?

H.A. – Eu tive aulas no tanque e fui professora no tanque. Minha primeira turma de extensão foi aqui no tanque. Eu tive aula de natação I no tanque: crawl, costas e os doze nados utilitários. Tive aula de julho a dezembro no tanque e aí eu atendi a primeira turma de natação da ESEF que eram os filhos dos professores. Os dois filhos do Escobar<sup>17</sup>, os dois filhos da Marlene<sup>18</sup>, o filho da Diva<sup>19</sup>, os dois filhos da Lídia Cavalli<sup>20</sup>. Eram os filhos dos professores. Então, eu fiz uma turma de natação e trabalhei com eles. Hoje, o Marcelo Cavalli é doutor professor de educação física, chefe lá na PUC<sup>21</sup>. Essa foi a minha primeira turma de natação. E tive Natação I ali com o “peixinho”. Na época eram três professores de natação. A natação tinha quatro semestres obrigatórios. No judô, no atletismo também tinham três professores. Era o “carioca”, Paulo Gilberto de Oliveira, o Derick Oscar Ely e o Jayme Werner dos Reis. Os três professores. Na Natação I quem dava era o “peixinho”. Toda iniciação era ele que fazia. Quando o prédio foi inaugurado em março, só a piscina pequena era aquecida. Em junho de 1979, senão me falhe a memória, foi a inauguração do

---

<sup>17</sup> Acely Stroher Escobar

<sup>18</sup> Marlene Rodrigues Koeche

<sup>19</sup> Diva Santiago Corrêa

<sup>20</sup> Lídia Joaquina Oliveira Cavalli

<sup>21</sup> Pontifícia Universidade Católica

prédio. Eu trouxe as fotografias para elas aqui. Nós fizemos camisetas, eu já era monitora, na borda da piscina pequena instruindo os alunos - quem abriu foi o Pró-Reitor Brito – instruindo os alunos porque eles estavam fazendo demonstrações na piscina pequena. Na hora do evento, o professor “peixinho” pediu que eu nadasse na piscina grande e ela era gelada e eu nadei nesse dia da inauguração.

M.C. – E antes disso, antes de 1979, não tiveram aula na piscina pequena mesmo não sendo aquecida?

H.A. – Gelada não. 1978 inteiro foi aqui no tanque e depois eles aterraram. Até um tempo atrás eu estava enchendo o Ricardo para desaterrar, mas ele disse que mandou arrancar os motores e tudo. Uma belíssima piscina. Um lado todo de degraus de cinquenta centímetros e o outro lado fundo. Muito bom. Seria excelente se ela pudesse funcionar.

M.C. – Do tanque vocês foram direto para o Centro Natatório ter aulas de natação e os programas de natação, não é?

H.A. – Sim.

M.C. – E tu te lembra de outros eventos que tinham no Centro Natatório? Campeonatos de natação...

H.A. – Sim. Eles faziam bastante empréstimo para a federação, dependendo de quem estivesse na presidência. Porque a federação também teve momentos que foi pessoalmente a favor do grupo que estava ali e outros momentos que não. Então, havia campeonatos da federação, mas também os jogos da UFRGS. Eles aconteciam o ano inteiro, tinha todas as modalidades. E eram organizados pelo Centro Olímpico. Um professor daqui que, foi técnico desportivo em seu primeiro momento de universidade, organizou muito tempo esses jogos, o professor Stigger. Ele era responsável pela organização desses jogos. Inclusive, ele deu aula de natação em projeto de extensão também.

M.C. – E a manutenção, o gerenciamento do Centro Natatório ficava a cargo do Centro Olímpico ou da Escola?

H.A. – Sempre foi o Centro Olímpico. Sempre foi responsabilidade do Centro Olímpico. Quando ele passou para a Escola, passou a bater de frente com a Escola. Ele sempre teve gerenciamento. Até hoje, eu acredito que o diretor quando tem problemas lá tem que vir aqui resolver e barganhar para poder conseguir as coisas para lá. É diferente a vida lá. Não dá para misturar.

M.C. – Mas é um prédio da Escola atualmente...

H.A. – Ele é da Escola, mas ele ainda, eu acho que filosoficamente, ele ainda não tem bem este feitio.

M.C. – Na época da gestão do “peixinho”, alguns depoimentos relatam do uso restrito do prédio pela Escola: nem todo mundo podia ir lá ou subir...

H.A. – Não podia subir de jeito nenhum.

M.C. – Como era essa questão das normas de utilização?

H.A. – Era ordem. Não podia subir as escadas se não estivesse de chinelos. Ordem.

M.C. – E funcionava bem, as pessoas respeitavam?

H.A. – Sim, todo mundo sempre respeitou.

M.C. – E tinha fiscal?

H.A. – O fiscal era a ordem. As pessoas não abriam espaço. Uma vez aconteceu do Saul, professor Nelson Ruben Saul, subiu para falar com o “peixinho” – eles eram amigos – ele subiu e o “peixinho” estava dando aula. O Saul, professor de ginástica olímpica, subiu a escada de fora e entrou. Quando ele entrou, o “peixinho” gritou: “E o chinelo?”. E ele fez uma parada de mão e foi de parada de mão até a piscina, falou o que tinha que falar, voltou em parada de mão, desceu a escada e foi embora. Porque não podia subir sem chinelo. O

“peixinho” sempre foi... Ele é prussiano nestas coisas de organização e as pessoas cumpriam estas ordens.

M.C. – E em termos de manutenção do prédio naquela época com ele?

H.A. – Sempre muito bem cuidado. Aquela cozinha que hoje tu vês lá é a mesma que ele fez. Claro que mudaram os móveis. Inclusive, o acartonamento que reveste o concreto foi daquele tempo. Ele sempre foi muito rigoroso em cuidado e limpeza. As pessoas que trabalhavam com ele eram de extrema confiança dele e funcionava conforme o combinado. Ele sentia-se dono, então, cuidava muito bem. Não sei se isso é positivo ou negativo, mas era verdade. Não tinha azulejo quebrado, piso arranhado, material estragado. Nunca, não tinha material estragado. A piscina não estragava, porque ele fazia manutenção permanente. Todo o dinheiro que entrava do Centro era para o Centro.

M.C. – Quando entra o Arno Black, o Cassel, eles comentam até em depoimentos que tentou uma aproximação física da Escola com o Centro Olímpico, que eles levam os departamentos para lá e trazem a direção do Centro Olímpico para cá. Tu estava neste período aqui na Escola?

H.A. – Entrei na ESEF nessa época, de volta. Eu nunca saí [riso], vou ter que contar a verdade [riso]...

M.C. – Como foi esse movimento?

H.A. – Eu entrei como professora nessa época. O DGR<sup>22</sup>, o meu departamento, era lá onde hoje é o CELARI<sup>23</sup>. Aquelas salas estão divididas, mas era uma grande sala onde era o DGR.

M.C. – Como foi essa quebra assim, porque já era uma estrutura montada e, de repente...

---

<sup>22</sup> Departamento de Ginástica e Recreação

<sup>23</sup> Centro de Lazer e Recreação do Idoso

H.A. – Não houve quebra. Eu não acredito. Se tu perguntar para o Camargo<sup>24</sup> – ele era chefe do departamento – ele vai te dizer que não houve. Não houve. A vontade... Não se implanta a filosofia, o grupo já tinha essa sensação...

M.C. – Os próprios funcionários de lá...

H.A. – Se tu tiver oportunidade, entrevista a Lizette Dias de Castro Miguens que trabalhou quatorze anos comigo. Ela era funcionária, técnica em assuntos educacionais. Quando o Centro foi inaugurado, ela veio da Reitoria para trabalhar. Ela trabalhou em todos os projetos comigo desde aluna. Eu estou primeiro que ela lá, mas ela ficou mais tempo, aposentou-se lá. Não conseguia mudar. A impressão que eu tenho... A Cristiane<sup>25</sup>, prima da Lizette, que também trabalhava lá, o próprio Betinho<sup>26</sup> que, o pai dele era chefe do almoxarifado da Reitoria da UFRGS, veio para o Centro Olímpico porque o “peixinho” convidou ele para vir. Quer dizer, todas as pessoas que estavam lá era absolutamente da confiança do “peixinho”. Eles eram um grupo. Não tem como tu desmanchar isso. Não era mais o “peixinho”, mas eles eram um grupo. Eu fazia parte deste grupo. Era o Arno? Tudo bem! O Arno entrava, saía e...

M.C. – Na verdade trocou só o cargo, o diretor, mas as pessoas...

H.A. – E ocuparam alguns espaços, mas as pessoas continuaram a fazer as suas coisas do seu jeito...

M.C. – E, quando o professor “carioca” e o De Rose assumem, eles retornam para a estrutura que tinha antes?

H.A. – Não mudou, só voltou o “peixinho”...

M.C. – Os departamentos desceram e a direção do Centro Olímpico foi para lá de novo, não é?

---

<sup>24</sup> Francisco Camargo Netto

<sup>25</sup> Cristiane Dias de Castro Miguens

H.A. – Sim. Mas o Arno, quando era chefe, também era lá. Mas ele era sozinho, até tentava, mas...

M.C. – Na verdade a mudança que nós podemos ver desses últimos tempos foi a questão de transformar o Centro Olímpico em órgão auxiliar da Escola e, na tua gestão, os projetos serem transformados em extensão?

H.A. – Eu acho que isso foi uma grande mudança porque aí, realmente, eu acho que o corpo de professores da ESEF começou a viver um pouco mais aquilo lá. A gente sempre teve vida própria lá. Quando o Andreatta trabalhava lá, ele era da nossa vida. Ele pouco vinha aqui. E até hoje tu pode ver que o professor que está lá, ele pouco está aqui. Eu estou segunda e quarta de tarde aqui. Os outros dias eu não estou. Eu estou segunda, quarta e sexta de manhã lá, terça e quinta no colégio e, nos outros horários livres, onde eu estou? Lá, porque eu tenho coisas para fazer. A diferença física ainda continua.

M.C. – Muito se fala da Escola de Educação Física pelos projetos de extensão que ela tem e tu vês esta criação neste período que tu geriste lá. Como tu vês essa dimensão que a extensão atingiu até hoje, qual a importância que tu vês nela, o significado para ti?

H.A. - Eu acho que, na verdade Marco, a extensão sempre existiu na ESEF. Como a ESEF parece um centro de brincar onde as pessoas vem caminhar mesmo que tu não convide, as pessoas querem estar aqui dentro, tem coisas aqui dentro que interessam. Então, o que a gente fez foi exatamente isso. O Centro Olímpico administrava também as colônias de férias. Ele era o responsável pelo lazer na universidade. Então, o que acontece? A gente forneceu este lazer aqui também. Cobrado. Na época não havia FAURGS<sup>27</sup>. Na minha época de direção, eu comecei a recolher por Fundação, mas, toda a época do “peixinho”, quem recolhia era o próprio. Nós recolhíamos pela FUNDATEC<sup>28</sup> que era a fundação da Escola de Engenharia. Agora a FAURGS é da Escola de Administração. Quer dizer, as coisas não mudaram, elas só foram andando. Eu acho que a grande mudança do Centro Olímpico na verdade, foi quando o Krueel teve esta idéia, estava vinculado à Reitoria, trouxe a Lúcia e tinha a vontade política de fazer isso naquele momento e a gente

---

<sup>26</sup> Alberto Ramos Bischoff

<sup>27</sup> Fundação de Apoio a Universidade

transformou tudo isso. Isso foi bom. Porque ele já tinha projetos naquela época e eu tinha um monte. E eu estava num lugar onde eu poderia assinar isso. Então, foi muito bom. Fechou muito bem.

M.C. – A partir deste momento, essa arrecadação que vinha dos projetos, são centrados nas mãos dos coordenadores ou vem para a Escola?

H.A. – Na minha época de gestão e isso está no regimento e no estatuto da UFRGS: o gerenciador de despesas do projeto de extensão é o coordenador. Isso foi um outro grande conflito. Nós gerenciávamos toda a nossa fatura. Então, se eu estou te dizendo que eu tinha doze projetos e trabalhava segunda, terça, quarta, quinta e sexta, toda a tarde e toda a noite, tu imagina o que era isso em dinheiro. Quando os três professores foram para Colônia, eu assinei porque o professor De Rose me pediu, para que eles fossem com passagem da ESEF. Quando a bibliotecária Rosalia Camargo<sup>29</sup> quis fazer um curso de atualização nacional, eu assinei. Mas isso era muito constrangedor um professor assinar para autorizar o dinheiro que a Escola precisava. Isso era constrangedor, era chato para quem dirige. Imagine o diretor pedir para mim. Eu podia dizer não. Eu estou te dizendo os “sim” que eu disse, mas eu não sei. Se eu pensar, talvez eu tenha dito alguns “não”, ou desagradado alguém. Então, logo depois disso, quando entrou a gestão do Ricardo, essa era a plataforma dele: toda a arrecadação da extensão tinha que cair na vala comum, o chamado “fundão”, era assim que eles chamavam, e essa vala comum tinha que ser gerenciada pela direção.

M.C. – Então, na verdade a arrecadação que tinha do Centro Natatório, dos projetos que tinham lá dentro...

H.A. – O Kruel tinha os deles, o Andreatta tinha o dele, eu tinha os meus, o Pelé tinha o dele, o Alexandre tinha o dele, o Biazús tinha o dele...

M.C. – E, na gestão do Ricardo, veio essa proposta então, daqueles projetos que tinham dentro do Centro Natatório, que a arrecadação viesse para uma vala comum da Escola?

---

<sup>28</sup> Fundação Universidade Empresa de Tecnologia e Ciência

<sup>29</sup> Rosalia Pomar Camargo



H.A. – Sim. Mas a proposta desta direção era que tudo isso ia reverter para a Escola. Aí, a discussão depois disso, é que ninguém sabia onde tinha sido aplicado as coisas da vala comum [riso]. Por isso que esse grupo se dividiu novamente e ficou infeliz com essa função, porque havia um gerenciamento comum, mas não havia onde... Por exemplo, no ano passado – eu vou te mostrar aqui<sup>30</sup> - isso foi o lucro líquido dos meus projetos, depois de pagar bolsistas – eu pago dois funcionários, a Ivete<sup>31</sup> e o guri da rouparia masculina – e pago todos os bolsistas. Isto aqui foi o que sobrou. Eu não sei o que foi feito com isso.

M.C. – E os teus bolsistas viram a cor do dinheiro até agora?

H.A. – Todos os meus funcionam muito bem, obrigado.

M.C. – É via PROEXT<sup>32</sup> ou via FAURGS?

H.A. – É via FAURGS, mas eu tenho conta própria. Eu sei porque tu está perguntando isso, porque tu sofreu na carne, porque vocês tem conta comum. Eu não tenho conta comum, eu tenho conta própria. Os meus projetos de extensão têm uma única conta que está sempre positiva e que, portanto, paga os meus bolsistas.

M.C. – E parte deste dinheiro, desta arrecadação, tu vês ela investida na manutenção do próprio prédio das piscinas?

H.A. – Eu te mostrei o valor, mas eu não sei o que é feito com isso. Eu gostaria que fosse, mas eu não sei no que foi gasto este dinheiro. Certamente foi em coisas da Escola porque a rubrica precisa sair com alguma coisa. Mas eu não posso te dizer onde que ele está. Tanto que eu coloco em todos os relatórios de extensão meus a cada ano – eu coloco os valores – e que todo o saldo positivo ficou a cargo da direção da Escola. Porque eu não posso me responsabilizar, eu não sei o que acontece com esse dinheiro.

---

<sup>30</sup> A entrevistada mostra um papel com o valor arrecadado.

<sup>31</sup> Ivete Baldissera

<sup>32</sup> Pró-Reitoria de Extensão

M.C. – Tu trouxe um exemplo dos teus projetos e tu acha que todos os projetos que acontecem no Centro Nataatório saem no saldo positivo e arrecadam muito mais do que gastam?

H.A. – Com certeza. Eu te mostrei. Eu não tenho dúvida. Eu te digo que eu não sou o maior hoje. Porque eu tenho muito projeto, por exemplo, o nado sincronizado, que é um projeto que mal se paga, porque é uma coisa muito especializada, um esporte olímpico que requer muito trabalho, são meninas e não podem ser muitas. Então, é um trabalho que dá muito trabalho, não é para ser massa. Mas eu faço questão de fazer. Eu tenho certeza que o projeto do Kruel arrecada mais do que eu e eu acredito que o projeto do Beto arrecada mais do que eu. Mas eu sei quanto eu arrecado. Todos os anos eu sei. Se tu me perguntar do ano passado eu te mostro também.

M.C. – Na verdade tem uma boa arrecadação, mas, no fim das contas, os coordenadores dos projetos não...

H.A. – Não. Eles não conseguem. Na verdade, eles não conseguem saber ou utilizar isso... É um pedido como de qualquer outro professor. O professor Mário<sup>33</sup> pede bola de basquete e eu peço um gradil redutor de profundidade. É isso. Eu não tenho nenhuma vantagem por estar trabalhando com extensão. Não. Mas é uma pena porque eu acho que o Centro – isso tu sabe porque vive lá – ele vem sofrendo um desgaste que daqui a pouco é irreversível. Ainda bem que eu também estou sofrendo desgaste que daqui a pouco é irreversível [riso] e eu não vou ver o desgaste dele. Daqui a pouco aquele prédio está condenado, eu tenho certeza,

M.C. – Qual é o objetivo, por que existe a extensão, o que tu acha que ela representa para as pessoas que dela fazem parte: alunos, professores da graduação da Escola?

H.A. – Eu vou te colocar a minha impressão: eu acho que ela é uma idéia parecida com a idéia que o “peixinho” tinha: de fazer bem feito alguma coisa que tu gosta e que só tu sabe fazer para os outros. Então, a extensão seria a válvula de escape do professor. Ele trabalha no que ele acredita, no que estuda, gosta, e que o curso não está trabalhando. Então, eu

trabalho com educação e formação de professores. Eu gosto disso. Mas o curso não me dá possibilidades de trabalhar com formação de professores para água. Então, eu faço isso na extensão. E eu tenho um orgulho muito grande disso porque, todos os bolsistas até hoje que trabalharam comigo lá, saíram de lá empregados com carteira assinada na sua área de trabalho. Eu acho isso o melhor cartão de visita. Eles sabem, eles são vitrines lá. Porque faz vinte e seis anos que isso acontece. Essa propaganda é a melhor propaganda do mundo. Se há vinte seis anos tu forma bem, tu educa bem dentro d'água, as famílias estão satisfeitas, as crianças estão indo com menos de um ano de idade – quatro dias foi o meu mais moço até hoje, uma menina – com quatro dias de vida, se o pai e a mãe confiam, que levam essa criança para lá, se eu tenho quarenta e cinco crianças de menos de um ano dentro d'água nessa época do ano que é outono, é porque o trabalho é bom. Mas eu não poderia fazer isso se eu não tivesse a extensão, porque a ESEF não me daria esta possibilidade. Então, eu não abro mão disso. E eu acredito que é isso que os outros extensionistas fazem. Façam o que eles acham que fariam de melhor usando esse meio. Eu atendo o público. Não atendo a ESEF. Mas eu formo ESEF. Então, funciona da mesma maneira.

M.C. – A partir do momento em que teus bolsistas são alunos da graduação da Escola...

H.A. – É. E eles saem para o mercado de trabalho nessa área e todos conseguem trabalhar. E tu sabe que isso não é verdade. A pessoa sai daqui desempregada e continua muito tempo desempregada. Porque não existe este vínculo universidade-mercado de trabalho. Tu tem que mostrar o que tu foi fazer lá. E eu acho que o que o Centro Natatório faz bem feito é isso. Ele é uma vitrine. O dono da academia, da escola ou do clube, diz assim: “Tu trabalhou com a Helena? Tu é aluno do Krue?” Isso muda. Me veio agora o Cora Plumer que é da Sportcenter, “Eu não quero fazer entrevista com ninguém. Me manda um homem para trabalhar de noite”. É isso que acontece. Claro, tu tem que ter o cuidado de quem tu vai mandar, mas as pessoas vão e ficam. Isso acaba voltando para cá de novo. É bom isso. Para quem gosta de ser professor é a melhor coisa tu saber, por exemplo, como o Fábio<sup>34</sup> do Gaúcho<sup>35</sup> disse numa reunião de pais lá e, por acaso um pai veio me contar, que “A Helena é uma fábrica de nadadores”, porque eu trabalho com bebês dentro d'água. Quem

---

<sup>33</sup> Mário Roberto Generosi Brauner

<sup>34</sup> Nome sujeito à confirmação

acaba lá na ponta, é aquele que tinha condições de ser o bom, mas todo mundo vai para a água. Então, se aqui tiver, como tem agora cento e sessenta crianças até cinco anos, se eu tenho cento e sessenta crianças aqui todo ano e sai dois, eu sou fábrica de nadador mesmo.

M.C. – E em termos de pesquisa, tu identifica pesquisa dentro do Centro?

H.A. – Ela é sazonal. Nós temos bons momentos de pesquisa e bons momentos de repetição. Não sei se tu entendes o que eu estou querendo te dizer. Nós já fomos duas vezes destaques no Salão de Iniciação Científica com pesquisa na água de nossos projetos. Excelentes trabalhos. O meu viés é qualitativo e no momento nós estamos com um grande trabalho. Estamos montando um banco de dados brasileiro de atividade aquática com bebês. Isso é aquela coisa de ser velho. Todo o resto do país que trabalha com isso é o pessoal que eu conheço há muito tempo. Eu tenho uma bolsista hoje que ela visita e estagia todos esses locais a meu pedido e avalia essas crianças. Então, nós estamos com um banco de dados de quinhentos bebês que ela avalia. É um trabalho muito bacana que a Nádia<sup>36</sup> está fazendo. A gente consegue, está avaliando gente em Urbelândia, Mato Grosso, São Luiz do Maranhão, Curitiba, que é gente que trabalha com bebês na água. Então, ela está indo, fazendo os testes e depois a gente vai de novo e entrega os resultados. A idéia é que a gente consiga validar o teste qualitativo de habilidades aquáticas com bebês, brasileiro. Existe um que é do Langendorff que é americano. Eu conheci ele em São Luiz do Maranhão que foi a única vez que ele veio ao país. O Ricardo Petersen me deu a passagem para ir fazer o curso com ele, em 1990 e poucos. Só tem esse e é muito fraco com nossas crianças. Ele é muito fraco para as nossas crianças. A gente aplica e dá sempre lá em cima. Tem que ter um padrão brasileiro. Não sei porque dá tão fraco para nós.

M.C. – E em termos de ensino, graduação, como que tu vê lá?

H.A. – Eu acho que foi muito forte a natação. Eu cheguei na ESEF ex-nadadora. Eu nadei competitivamente dos setes aos quatorze anos. Entrei na ESEF, o “peixinho” me conhecia como nadadora e eu voltei a gostar de natação. Eu tive aquele horror de natação que todo o nadador tem quando chega na adolescência porque o desgaste e o sacrifício são absurdos e

---

<sup>35</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>36</sup> Nádia Cristina Valentini

as pessoas não sabem lidar com isso, não sabem tratar isso. Então, quando eu comecei de novo aqui, tinha quatro semestres de natação, a gente emergia. Eu tinha, para aprender, quatro semestres. E eu era nadadora de quatro estilos, o medley. E eu tinha que aprender em quatro semestres. Eu não conhecia os doze nados utilitários da Natação I. Na Natação II era o peito clássico e o peito moderno e natação subaquática. Eu não conhecia o peito clássico, nunca tinha usado “snorkel” e máscara. E tinha “snorkel”, máscara e pé de pato para cada aluno no Centro Olímpico, da marca italiana “Cressi”, importada da Itália. Tinha para cada aluno. Então, nós fazíamos o semestre inteiro disso. Aprendi a fazer esquadro. Eu não sabia, era nadadora e achava que sabia tudo de água. Na Natação III era borboleta clássico que eu não conhecia, o golfinho que eu já conhecia e saltos ornamentais. Nós fazíamos. Aprendíamos o que eram saltos de plataforma de cinco, dez metros, trampolim de três, cinco metros e aprendíamos os nomes dos saltos, os grupos dos saltos e fazíamos os possíveis. Eu nunca tinha visto isso. Quatro métodos de treinamento aplicados à natação. Eu não sabia nada disso. Eu era nadadora, era quem sabia e não sabia nada disso. Claro que eu me reapaixonei pela natação. Tinha um monte de coisa para saber e ainda faltava “water pólo” e nado sincronizado que isso eu não aprendi aqui.

M.C. – Como tu vêς então, esse, não sei se podemos dizer, declínio, na graduação?

H.A. – Eu acho que foi os afastamentos dos professores. Eu acho que foi porque os três professores eram muito bons de água. O Derick era uma pessoa muito mais velha, mas ele tinha uma biblioteca maravilhosa e era uma pessoa muito estudiosa. Ele não era bom na água, mas era bom de água. Muito estudioso. Falava muito, estudava muito. Então, muitas coisas que eu tenho manuscritas e livros que ele me deu que eram coisas importantes. Mas ele era daqueles que tinha que ter confiança nas pessoas. Eu acho que a natação foi *muito* forte na ESEF até o fim da década de 1980 e ela veio caindo. O Derick se aposentou e não entrou ninguém na natação no lugar dele. O “carioca” se aposentou e nós fizemos concurso. Abriu concurso para natação. O Kruel entrou em primeiro lugar, o André Merch em segundo, a Eliane Romero em terceiro e eu em quarto lugar. Eu não me lembro se mais alguém passou, mas lembro que esses quatro entraram. O Kruel foi imediatamente efetivado. O André tentou por todas as maneiras entrar – é dono de escola de natação até hoje – inclusive pela justiça, mas não conseguiu entrar. A Eliane Romero é titular na

UNESP<sup>37</sup> de Rio Claro e, como eu tinha feito concurso do DGR também para ginástica, eu fui chamada pelo concurso de ginástica. Nunca trabalhei com natação aqui. Trabalhava na UNISINOS<sup>38</sup> com natação. Eu dei aula na graduação da UNISINOS de todas as natações, até que eu tive que deixar a UNISINOS para assumir aqui. Como o “carioca” tinha se aposentado aqui, eu indiquei ele no meu lugar lá. Então, continuou a natação lá como a gente acreditava porque foi o “carioca” dar aula no meu lugar. Então, eu acho que o que aconteceu com a natação aqui é que ela entrou para um segundo momento. Só o Kruel e o “peixinho”. Aí as coisas não funcionavam também e, acho que foi na direção do Guimarães, que eles decidiram que a natação se tornaria eletiva. Eu quase morri, me deu uma dor aqui: “Como fazer eletivo se eu aprendi tanto com isso aqui e eu não sabia” e eu era da natação. Tornou-se eletiva, só fundamentos e o fundamentos era para ensinar os quatro estilos e agora a gente sabe que só ensina dois. Então, vai tudo diminuindo e acho que é isso que faz ficar tão pobre. Agora com a chegada do Flávio<sup>39</sup> neste último concurso, tu viu que o salto já foi melhor porque o Flávio é da água, está lá junto com a gente, metendo a mão junto, fazendo coisas. Nós montamos uma disciplina compartilhada de pólo e nado. Tudo bem, faz parte, é isso mesmo. Tem que trabalhar mais e mandar as coisas para frente. Mas precisa ser da água. Eu acho que tem pouca gente da água. Com a chegada do Flávio, já cresceu um pouco mais. Mas eu acho que tem pouca gente da água. E é outro mundo, não adianta inventar.

M.C. – Bom, professora, eu gostaria de agradecer teu depoimento e deixo aqui aberto, se tu tens mais algum comentário, alguma consideração que queira fazer em relação ao que a gente conversou.

H.A. – Não, só te dizer que, se surgiu dúvidas, tu ouviu alguma coisa aí, tu me pergunta porque eu acho que é bacana eu conseguir lembrar. Interessante quando eu começo a contar para ti porque eu arrumo o meu armário também. Tu me faz uma pergunta e eu tenho que parar: “Não, espera...”. Uma pergunta, por exemplo, que tu disse: “mas como é que se gastava esse dinheiro?”. Eu não tenho bem certeza se eu sempre dizia assim. Então, de repente, a gente também foi um pouco culpado dessa mudança radical que não funcionou bem. Eu acho que, de repente, tem que melhorar. Por exemplo, os

---

<sup>37</sup> Universidade Estadual Paulista

<sup>38</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos

coordenadores de extensão não têm uma reunião própria nunca, eles não falam. Eles não são uma entidade, eles não dizem quais são os problemas de extensão para alguém ouvir. Ainda não. Então, tem certas coisas que precisa aprimorar. Tudo demora na universidade. Mas, se tu tiver qualquer dúvida, tu me pergunta. Se eu souber responder, eu respondo [risos].

M.C. – Muito obrigado professora.

H.A. – De nada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>39</sup> Flávio Antonio de Souza Castro